

## REFLEXÃO DOCENTE: Perspectivas e desafios aos novos tempos

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80 p.

Elizângela Carvalho Franco<sup>1</sup>

Atualmente, percebe-se que há uma infinidade de acontecimentos que ocorrem no aspecto educacional que influenciam o nosso modo de agir como educadores. Por isso, faz-se necessário se ater as mudanças e perspectivas que estão inclusas aos desafios que o mundo moderno propõe para os profissionais da educação. E, nesta perspectiva, são necessários certos cuidados, como por exemplo, a mediação nas palavras, pois é um poderoso instrumento ao diálogo, mas se mal utilizado leva a ruína. Larrosa Bondía (2002, p. 21) em *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* destaca que, “as palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras”.

É nessa perspectiva que a obra de Moacir Gadotti (2003) em Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul pela editora Feevale, apesar de pequena, é extensa e profundamente atual. Além de tão significativa quanto pertinente para a formação continuada de educadores e futuros educadores, demonstrando que é um desafio ser professor ou professora no contexto atual, no sentido de prover meios que torne a aprendizagem prazerosa e significativa ao estudante. Além disso, esta já foi uma profissão bonita, valorizada e que aguçava todos os sentidos de busca e de formação latente naqueles que almejam segui-la e, que gradativamente vem aos poucos se desfazendo. Não morrendo, mas se transformando para atender as mudanças e transformações impostas pela tecnologia num mundo globalizado. Portanto, foca na importância do compromisso com a formação permanente de professores, na intenção de serem capazes de amar, de sonhar de ensinar e de transformar a realidade.

Seu primeiro questionamento é *por que ser professor?* O autor relata que se inspirou em Paulo Freire na escrita do livro, porque em suas palavras ensinar e

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela faculdade EST/RS.  
Doutoranda em Ciências pela Universidad Nacional de La Plata/ UNLP – Área de pesquisa:  
Educação e Religião, Instituto IFRO/ Campus de Ariquemes.

aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (p.11). Assim, aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente. A pedagogia serve de guia para realizar esse sonho.

Entretanto, percebe que a realidade é muitas vezes diferente do sonho é que muitos de seus alunos do curso de Pedagogia estão desinteressados no exercício da profissão, os quais se preparam para ser professor, mas irão exercer outra profissão. Ou seja, o brasileiro desvaloriza o professor. Reconhece que seu ganho financeiro é baixo e que as estruturas das escolas não favorecem a aprendizagem. Contudo o autor menciona que é necessário construir um novo sentido para a profissão, o que depende de mudanças nas próprias concepções. Pois ser professor hoje é viver intensamente no seu tempo com consciência e sensibilidade.

Quando aborda a *crise de identidade e de sentido* expõe que a profissão está em decadência e a figura do professor comprometida. Nesse sentido, o autor esclarece que a profissão não está morrendo, mas se transformando, isto é, a função de professor está se adequando para ensinar e educar num mundo globalizado. Pois o professor e a professora de hoje precisa ser um profissional capaz de criar conhecimento. Precisa assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural, contextual e comunitária. Visto que a competência do professor não está na capacidade de ensinar, mas nas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor.

Cunha (1998, p. 39) revela que o importante é “a relação dialética que se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta”. Isso nos reporta da relevância que tem o diálogo na relação, possibilitando a revelação e a descoberta mútua entre as pessoas. O pesquisador só consegue um bom resultado científico quando busca *in loco* a opinião do outro sobre determinado assunto. Assim, também, é com o professor que precisa aprender e apreender internalizar os conhecimentos de seus alunos para externalizar com a teoria, para a devida compreensão do conteúdo. Que é a contextualização teoria-prática.

Hugo Assmann tratou bem sobre a relação dialética em seu livro *Curiosidade e prazer de aprender* onde reflete sobre a solidariedade, a sensibilidade e a ética através da curiosidade que o ser humano tem sob o olhar de Paulo Freire. Além disso, a aprendizagem deixa de ser passiva quando adquire um caráter desafiador no ensino. E isso é proporcionado a partir do momento, que o aluno passa a ser

questionador. Quando surti à estimulação de perguntas, aguçando a sua criticidade, criatividade e a sua curiosidade para a aprendizagem.

O trabalho com a curiosidade contribui na ampliação da bagagem profissional, visto que temos que ser instigadores, desafiadores e estimuladores constantes no ensino. Pois devemos estar em perfeita sintonia com as novas propostas que são apresentadas na educação e isso inclui, a dimensão tecnológica fazendo hipertextos com conexões da teoria com a prática sempre de forma contextualizada.

A prática está interligada ao conhecimento de ambas as partes que envolvem uma troca mútua. E hoje, diante das tecnologias como *internet, webmail, facebook, whatsapp* expressões presentes na linguagem e no cotidiano das pessoas, sendo preciso estar atento a este tipo de rede. O que se nota um distanciamento entre as pessoas, visto que estão deixando de manter um contato verbal para um virtual. Pois isso contribui para se desligar a qualquer momento do mundo real e evitar as relações frente a frente.

(BAUMAN; MORIN, 2011, p. 3) afirma que, “a comunidade precede o indivíduo e é difícil entrar e sair dela, diferente da rede. A rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar”. E não só os jovens, mas nós educadores também estamos esquecendo-se de manter um contato visual e dando preferência ao virtual, passando mais tempo na tela de um computador.

Assmann (2004, p.197) parafraseando Paulo Freire expõe que “não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas”. Por isso que é relevante, apesar das inúmeras dificuldades na educação, que sejamos um profissional atualizado dentro das perspectivas desse mundo globalizado.

Mesmo com os desencantos que alguns de nós educadores temos para com a educação, não devemos jamais se esquecer do prazer de lecionar e do juramento prestado no momento da formação. Hoje, pensa-se muito mais na questão salarial do que, propriamente, na qualidade do ensino. Não que isto esteja errado, mas precisa também acontecer uma mudança significativa na maneira de se pensar e como expor os ideais para a sociedade. Visto que, transcende que os ideais pelos quais lutamos denotam somente valores financeiros e não educacionais.

Outro aspecto fundamental é a *formação continuada do professor*, onde o autor ressalta que esta deve ser concebida como reflexão crítica sobre a prática, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas.

*Ser professor numa sociedade aprendente* é realçar o caráter reflexivo da função docente. Porém, não basta ser reflexivo, é preciso dar sentido à reflexão. Pois a reflexão é um instrumento para a melhoria do que é específico de sua profissão que é construir sentido, impregnar de sentido cada ato da vida cotidiana, como a própria palavra latina “*insignare*” significa (GADOTTI, 2003 p. 39). Nisso o êxito do ensino não depende tanto do conhecimento do professor, mas da sua capacidade de criar espaços de aprendizagem, vale dizer, “fazer aprender” e de seu projeto de vida de continuar aprendendo (GADOTTI, 2003 p.41).

As mudanças educacionais são necessárias para prática pedagógica incluindo as atualizações, em qualquer área de formação. Essas transformações educacionais foram foco de pesquisa de Edgar Morin que discursou a respeito dos *sete saberes necessários da educação do futuro*. Saberes estes que complementam as bases da educação, como: a cegueira do conhecimento, o conhecimento pertinente, a identidade humana, a compreensão humana, a incerteza, a condição planetária e a antro-po-ética. Para ele,

São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade e da ética, na diversidade cultural, na diversidade de indivíduos e que privilegie a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo-sociedade-natureza (MORIN, 2010, p.13).

Por isso, que é tão relevante uma atuação participativa, democrática e flexível onde todos participem coletivamente do processo de ensino e aprendizagem. Que as práticas pedagógicas sejam dinâmicas, criativas e que possam sempre empreender e apreender a criança, o jovem e o adulto na sala de aula. Não se esquecendo da coerência do método com o conteúdo que chama o aluno a aprendizagem e, conseqüentemente, a atenção.

O importante é *aprender com emoção e ensinar com alegria*, pois é preciso

ter a percepção de humanização na transmissão dos conhecimentos e, portanto, a aprendizagem precisa ter sentido. E, para tanto, precisamos saber o que é ensinar, o que é aprender e, sobretudo, como aprender (GADOTTI, 2003 p. 48). Nisso, só aprendemos quando colocamos emoção e alegria no ato de ensinar. O enfoque da formação do novo professor deve ser na autonomia e na participação, nas formas colaborativas de aprendizagem (GADOTTI, 2003 p.54). Enfim, para ensinar é necessário gostar de aprender, de ensinar e de amar o aprendente (a criança, o adolescente, o adulto e o idoso). Tornar a profissão um encantamento e, ao mesmo tempo, ser um encantador dela.

Assim, *educar para uma vida saudável*, na visão do autor é propiciar a cultura da sustentabilidade e da paz, no caminho para os saberes e valores interdependentes como: educação para uma aprendizagem globalizada; educar os sentidos; ensinar a identidade terrena como condição humana essencial; formar para a consciência planetária e para a sua compreensão; e, por fim, educar para a simplicidade e quietude.

E o último tópico do livro trata de dois conceitos distintos entre si, o de *ser professor* e o de *ser educador*. Nesta passagem o autor cita um trecho de Rubens Alves (1982, p.16, apud GADOTTI, 2003, p. 67) onde menciona que, “professores, há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”.

Mas adiante menciona que o educador habita no interior de cada um e tem paixão, visão e esperança de transformar o mundo ao seu redor, pois é um intelectual, um dirigente e um ser orgânico. Ao contrário de ser professor, que o ver como um ser agregado aos interesses do sistema e fazendo aquilo que lhe é proposto. Nisso o educador Celso Vasconcellos (2001) diz que o papel do professor é “educar através do ensino”. Quando propõe sentido a aquilo que ensina, isto é, quando há significado ao ato de ensinar, tornando-o mais real. Pois o que se observa é que a educação está neoliberal virou uma mercadoria centrada na competitividade e sem solidariedade.

Portanto, esta é uma excelente obra que induz a reflexão em torno desta profissão, sendo fundamental atenção as perspectivas atuais e como melhorar,

constantemente, a prática pedagógica. Propõe alguns novos métodos que contribuíram nas mudanças do perfil do professor/educador, preparando-o para o contexto da globalização e proporcionando significado no processo de ensino e de aprendizagem.

Como o autor demonstrou, a profissão está renascendo com outros conceitos, onde inclui uma adequação dentro das propostas atuais, com transformações significativas tanto pessoais como profissionais. Na intenção de tornar o professor mais ético, sensível e solidário as condições sociais, ecológicas e naturais nas relações de forma a ir muito mais além e integrada com as múltiplas diversidades.

E cá pra nós! Há uma crueldade implícita no mundo, onde quem não se prepara não se preocupa na aquisição e na melhoria da sua bagagem intelectual, cultural e com os muitos parâmetros sociais, estará definitivamente – EXCLUÍDO – do mercado de trabalho.

Enfim, os desafios continuaram a existir, mas se houver compromisso, responsabilidade, habilidade e uma perspectiva inclusiva de coletividade, é possível, a prática e a educação serem postas num patamar de excelência.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender**: o papel da curiosidade na aprendizagem significativa. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt; MORIN, Edgar. A contemporaneidade na visão de Zygmunt Bauman e Edgar Morin. Entrevista concedida a Sônia Montañó. **O caminho para o futuro da humanidade – Edgar Morin – Fronteiras do Pensamento**, Porto Alegre, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara/SP: JM Editora, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MORIN, Edgar. **Conferência internacional sobre os sete saberes necessários à educação do presente**. Fortaleza, 21 a 24 set. 2010.

VASCONCELLOS, Celso. **Para onde vai o professor?** Regaste do professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2001.